

“O LÁBARO”

PENSAMENTO GLOBAL, AÇÃO LOCAL

WWW.JORNALOLABARO.COM.BR

35ª EXPO PARACATU REÚNE TRADIÇÃO, AGRONEGÓCIO E GRANDES SHOWS EM EDIÇÃO COMEMORATIVA

Página 3

RELÍQUIAS DE SÃO VICENTE DE PAULO CHEGAM A PARACATU EM MOMENTO HISTÓRICO DE FÉ E DEVOÇÃO

Página 9

HOSPITAL MUNICIPAL AMPLIA ESTRUTURA CIRÚRGICA E MODERNIZA CENTRAL DE ESTERILIZAÇÃO

Página 10

Paracatu se transforma na capital do sertão literário

De 26 a 30 de agosto, a 4ª edição do Fliparacatu reúne escritores, leitores e artistas em uma grande celebração da literatura e da cultura.



Paracatu abre suas páginas para a literatura. De 26 a 30 de agosto, a cidade recebe a 4ª edição do Fliparacatu, transformando ruas e espaços culturais em cenários de encontros, histórias, conhecimento e imaginação.

Durante os dias de programação, a literatura se torna ponto de encontro. Escritores, leitores, estudantes, artistas e amantes dos livros compartilham expe-

riências, ideias e emoções, fazendo das ruas e dos espaços culturais da cidade verdadeiros cenários de celebração.

Mais do que um festival literário, o Fliparacatu celebra a palavra como instrumento de memória, identidade e transformação. Em uma cidade marcada por sua história e riqueza cultural, livros e autores encontram um território fértil para dialogar com diferentes gerações e

lançar novos olhares sobre o sertão.

Paracatu, com suas histórias, tradições e vozes, ganha novos capítulos durante o festival. A literatura ocupa a cidade e mostra que o sertão também é lugar de poesia, conhecimento, criatividade e grandes narrativas.

Em Paracatu, o sertão ganha voz, a literatura ganha espaço e as histórias encontram novos leitores.

O Legado de Agosto: A Defesa Permanente do Estado de Direito

Mais do que celebrar uma data histórica, o 11 de agosto nos lembra que a democracia se sustenta pela força da palavra, pela vigilância cívica e pelo compromisso cotidiano de cada cidadão com a verdade e a participação.

Há datas que pertencem ao calendário. Outras pertencem à consciência de um país. O 11 de agosto é uma delas. Muito além do Dia do Advogado ou do Dia do Estudante, a data representa um marco da formação institucional brasileira e um permanente chamado à defesa da democracia, da cidadania e do Estado de Direito.

Foi em 11 de agosto de 1827 que nasceram os primeiros cursos jurídicos do Brasil, criados pela Lei Imperial de 11 de agosto e instalados na Faculdade de Direito de São Paulo e na Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco. A decisão ajudou a consolidar a organização do Estado nacional após a Independência e lançou as bases para a formação da cultura jurídica brasileira. Neste 11 de agosto de 2026, essas instituições completam 199 anos, um legado que transcende a formação de profissionais do Direito. Ao longo de quase dois séculos, moldaram gerações de juristas, intelectuais, políticos e cidadãos comprometidos com o debate público, a defesa das liberdades e o fortalecimento das instituições republicanas.

As duas escolas exerceram papel decisivo na construção do pensamento jurídico nacional. A tradicional Faculdade de Direito de Olinda, posteriormente transferida para Recife, tornou-se referência na formação de grandes juristas, intelectuais e homens públicos. Já o Largo de São Francisco, em São Paulo, consolidou-se como muito mais que uma tradicional faculdade: transformou-se em um símbolo da resistência democrática, um espaço onde ideias floresceram, manifestos ganharam voz e a defesa das liberdades encontrou abrigo nos momentos em que o país enfrentou alguns dos maiores desafios de sua história.

Foi justamente no Largo de São Francisco que, em 1977, durante o regime militar, surgiu a histórica Carta aos Brasileiros, redigida pelo jurista Goffredo da Silva Telles Junior. O documento reafirmava a necessidade do retorno ao Estado de Direito e demonstrava que a palavra, quando fundamentada em princípios e coragem, pode se tornar uma das mais poderosas ferramentas da transformação democrática.



A força da palavra e a participação cidadã iluminam a penumbra dos desafios institucionais: o legado do 11 de agosto como vigília constante pelo Estado de Direito

ca. Décadas depois, novas manifestações em defesa das instituições democráticas reafirmaram que a preservação da ordem constitucional não é um compromisso de uma geração apenas, mas uma responsabilidade permanente de toda a sociedade.

Essa é uma lição que permanece atual. Vivemos uma época em que a informação circula em velocidade inédita. Ao lado desse avanço, cresce também a propagação da desinformação, dos discursos que alimentam divisões e da dificuldade de distinguir fatos de versões construídas para confundir. Defender a democracia passa, necessariamente, por defender a verdade dos fatos, o pensamento crítico e a informação produzida com responsabilidade.

É nesse cenário que a imprensa livre, especialmente a imprensa local, reafirma sua missão pública. Há quase três décadas, o jornal O Lábaro acompanha de perto a realidade da comunidade, dá visibilidade às demandas da população, registra a história cotidiana do município e oferece informações verificadas para que cada cidadão possa formar sua própria opinião. Em tempos de excesso de informação, credibilidade, independência e responsabilidade editorial tornaram-se alguns dos maiores patrimônios do jornalismo.

Mas nenhuma democracia se sustenta

apenas por suas instituições. Ela depende da participação consciente de seus cidadãos. A vigilância cívica se manifesta quando acompanhamos as decisões dos representantes eleitos, defendemos a transparência, respeitamos opiniões divergentes e buscamos soluções coletivas para desafios que afetam a vida de todos, como saúde, educação, infraestrutura, segurança e desenvolvimento.

O voto consciente permanece como uma das mais importantes expressões da cidadania. Contudo, a democracia não se encerra nas urnas. Ela continua viva nas escolhas cotidianas, no diálogo respeitoso, na responsabilidade de compartilhar apenas informações confiáveis e na disposição permanente de participar da construção da comunidade em que vivemos.

O 11 de agosto permanece atual porque recorda uma verdade essencial: a democracia não é um monumento erguido para ser apenas contemplado. É uma obra coletiva, permanentemente construída pela força da palavra emancipada, pela solidez das instituições e pelo compromisso de homens e mulheres que compreendem que liberdade, justiça e participação exigem cuidado diário.

Que o legado desta data histórica continue inspirando nossa comunidade a valorizar a verdade acima dos boatos, o diálogo acima da intolerância e a cidadania acima da

indiferença. Porque uma democracia sólida começa por uma sociedade bem informada, consciente de seus direitos, comprometida com seus deveres e capaz de distinguir fatos da desinformação. É nesse compromisso diário com a verdade, a participação cidadã e a informação responsável que se fortalece o Estado Democrático de Direito.

Referências

BRASIL. Lei de 11 de agosto de 1827. Cria os cursos de Ciências Jurídicas e Sociais de São Paulo e de Olinda, marco da formação jurídica brasileira.

TELLES JUNIOR, Goffredo da Silva. Carta aos Brasileiros. Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 8 de agosto de 1977.

FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (Largo de São Francisco). Acervo histórico e documentos institucionais sobre a Carta aos Brasileiros e a trajetória da instituição.

FACULDADE DE DIREITO DO RECIFE. Acervo histórico da antiga Faculdade de Direito de Olinda e sua contribuição para a formação jurídica nacional.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Especialmente os princípios do Estado Democrático de Direito, da cidadania, da liberdade de expressão e da participação popular.

ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL (OAB). Documentos e publicações institucionais sobre o 11 de Agosto, cidadania e defesa do Estado Democrático de Direito.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Princípios Éticos e Código de Autorregulamentação. Referências sobre liberdade de imprensa, responsabilidade jornalística e compromisso com a informação de interesse público.

JORNAL O LÁBARO. Acervo editorial e reportagens sobre cidadania, transparência pública, desenvolvimento municipal e interesse público. Paracatu, MG.

A editora

Mulheres negras fortalecem debate sobre direitos e protagonismo em Paracatu

Workshop reuniu poder público, lideranças e comunidade para discutir igualdade racial, empreendedorismo e políticas de cuidado



O diálogo sobre direitos, oportunidades e protagonismo marcou o I Workshop da Mulher Negra, realizado no dia 6 de agosto, na Casa Paracatu. Promovido pela Prefei-

tura, por meio da Secretaria Municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, o encontro integrou as ações pelo Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana

e Caribenha, celebrado em 25 de julho.

A programação reuniu representantes do poder público, conselhos, movimentos sociais, lideranças e comunidade em torno de temas relacionados à realidade das mulheres negras. Os debates foram organizados em três painéis: os desafios enfrentados por mulheres jovens e cotistas no acesso à universidade; o empreendedorismo de mulheres negras, com destaque para as transistências; e o Plano de Cuidados.

Durante o encontro, a secretária municipal Maria José Brandão e Magalhães destacou a necessidade de reconhecer o trabalho de cuidado realizado diariamente por muitas mulheres. Segundo ela, o município está avançando na construção do Plano Municipal de Cuidados, atualmente

na etapa de diagnóstico.

Outro encaminhamento apresentado foi a proposta de adesão de Paracatu à Casa da Igualdade Racial. De acordo com Rose Bispo, vice-presidente do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR), a iniciativa poderá criar um espaço de referência para acolhimento, orientação, denúncias de racismo e fortalecimento das comunidades quilombolas e da população negra.

Mais do que marcar uma data, o workshop abriu espaço para escuta e troca de experiências. A iniciativa reforça a importância da participação das mulheres negras na construção de políticas públicas e amplia, em Paracatu, o debate sobre igualdade racial, autonomia e garantia de direitos.

EXPEDIENTE

Editora: Uldicéia Rigueti
Contato: Fone: (38) 99915-4652
E-mail: uldiceiaoliveira@hotmail.com
Jornalista Responsável:
Uldicéia Oliveira Rigueti
Registro Profissional: 0021336/MG

Conselho Editorial:
Uldiele Oliveira Rigueti
Clara Oliveira Rigueti
Impressão:
Gráfica & Editora Vale Flamboyant Ltda
Rua Marechal Mascarenhas de Moraes, 485

Parque Residencial Lagoinha
CEP- 14095120 - Ribeirão Preto/ SP
CNPJ 21.238.607/0001-84
Diagramação:
Alexandre Sasdelli
xandesasdelli@gmail.com

Os textos devidamente assinados são de responsabilidade de seus autores e não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Ligue e Denuncie

35ª Expo Paracatu reúne tradição, agronegócio e grandes shows em edição comemorativa

Evento reuniu negócios, cultura, entretenimento e atrações gratuitas entre os dias 11 e 16 de agosto, no Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho



A 35ª Expo Paracatu chegou ao fim no último domingo (16), após seis dias de programação no Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho. A edição comemorativa dos 35 anos reuniu agronegócio, negócios, cultura, entretenimento e tradição, com entrada gratuita durante toda a programação.

Realizada pela Coopervap, Prefeitura de Paracatu e Grupo Bida, a Expo teve como patrocinadora master a Kinross Paracatu, além do apoio de Sicoob Credicoopa e UniAtenas. O evento recebeu moradores e visitantes e movimentou diferentes setores da economia local.

A programação foi oficialmente aberta na noite de terça-feira (11), com a presença de autoridades, lideranças políticas e empresariais, representantes do agronegócio, patrocinadores e convidados.

Durante a solenidade de abertura, o prefeito Pedro Adjuto assinou decreto que transferiu temporariamente o Gabinete do Prefeito, a Secretaria Municipal de Governo e a Secretaria Municipal de Agropecuária para o Parque de Exposições durante a realização do evento.

Segundo o prefeito, a Expo representou uma oportunidade de fortalecer a cultura, o turismo e a economia do município.

O presidente da Coopervap, Valdir Rodrigues, destacou o caráter inclusivo da exposição e a união entre as instituições envolvidas na realização da festa. Já o gerente-geral da Kinross Paracatu, Rodrigo Gomides, ressaltou a importância da parceria entre a empresa, o poder público e os demais realizadores.

O CEO do Grupo Bida, Frederico Ulhôa, também destacou que a Expo foi além dos shows e do entretenimento, promovendo cultura, gerando oportunidades e movimentando a economia local.

Laura Feitosa foi eleita Rainha da Expo Paracatu



Após a solenidade de abertura, foi realizado o tradicional Concurso Rainha da Expo Paracatu. A candidata Laura Feitosa foi eleita Rainha da 35ª edição e recebeu a coroa durante a cerimônia.

A noite contou ainda com a presença da Rainha da Expo Paracatu 2025, Vitória Borges, e das princesas da edição anterior. Representantes da cidade de Unai também participaram da celebração, reforçando a integração entre os municípios da região.

Familiares, amigos e torcidas das candidatas acompanharam a escolha e contribuíram para o clima de celebração que marcou a noite.

Tradição e atrações para toda a família



Além da programação musical, a Expo reuniu atividades ligadas ao agronegócio e ao cotidiano do campo, incluindo exposição de animais, leilões, prova de três tambores, palestras, espaços comerciais, gastronomia, parque de diversões e visita à Fazendinha.

A tradicional Cavalcada da Expo Paracatu também integrou a programação e foi realizada na quarta-feira (12), reunindo cavaleiros e amazonas em um dos momentos tradicionais da festa.

Ao completar 35 anos, a Expo Paracatu reafirmou sua importância para o município ao aproximar produtores, empresas, instituições e comunidade em uma programação que combinou negócios, entretenimento e valorização das tradições locais.

Shows movimentaram o Parque de Exposições

A programação musical nacional começou na quinta-feira (13), com o show de Natanzinho Lima. Na sexta-feira (14), foi a vez de Leonardo subir ao palco e animar o público.

No sábado (15), a programação contou com Panda e Bruno & Denner. DJs e atrações regionais também fizeram parte da programação ao longo das noites, mantendo o público no Parque de Exposições durante a festa.

Com entrada gratuita, a 35ª Expo Paracatu foi encerrada na tarde do domingo (16), reunindo moradores e visitantes no Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho.

A edição comemorativa marcou os 35 anos de uma das principais festas do calendário de Paracatu, consolidando a Expo como um espaço de encontro entre o agronegócio, a cultura, o entretenimento, os negócios e as tradições do município.



XXIV Coopershow fortalece o cooperativismo e movimenta o agronegócio em Paracatu e região

Feira reuniu produtores e fornecedores em dois dias de negócios, conhecimento, integração e oportunidades para o campo do Noroeste de Minas.

XXIV Coopershow encerrou, na sexta-feira (21), mais uma edição marcada por negócios, integração e fortalecimento do cooperativismo em Paracatu e região. Realizada no Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho, a feira reuniu dirigentes, conselheiros, funcionários, associados, produtores e parceiros da Coopervap em dois dias de intensa movimentação e oportunidades para o agronegócio.

A abertura, realizada na quinta-feira (20), contou com a presença do vice-presidente da Coopervap, Lionel Oliveira, que conduziu uma oração e agradeceu a participação de todos. Em sua mensagem, destacou a importância da Coopershow para os associados e para o desenvolvimento do cooperativismo, desejando aos participantes bons negócios e uma edição de muitas realizações.

Ao longo dos dois dias, a Coopershow reafirmou sua vocação de ser uma ponte entre quem produz e quem oferece soluções para o campo. Consolidada entre as tradicionais iniciativas de negócios do cooperativismo no Noroeste de Minas, a feira acompanhou as transformações do setor e apresentou novidades capazes de contribuir para o trabalho e a produtividade no dia a dia do produtor.

Nesta edição, os visitantes tiveram acesso a uma ampla variedade de produtos e soluções voltados à atividade rural, com destaque para adubos e defensivos, medicamentos, sementes, equipamentos, tanques e ordenhas, além das tradicionais rações Coopervap.

Mais do que uma feira de produtos e negócios, a Coopershow se mostrou, mais uma vez, um espaço de encontro. Foi onde produtores e fornecedores conversaram, experiências foram compartilhadas e novas possibilidades começaram a ser construídas. Em meio ao movimento do parque, às conversas e às negociações, a feira traduziu, em cada detalhe, a força de uma atividade que movimenta a economia e ajuda a escrever a história do campo na região.

A importância da Coopershow também esteve justamente nessa capacidade de aproximar pessoas e interesses em tor-



no de um propósito comum: fortalecer o produtor e, por consequência, fortalecer o cooperativismo. A presença de associados, fornecedores e representantes da cooperativa transformou o evento em um ambiente de relacionamento, troca de conhecimento e geração de oportunidades.

Durante os dois dias de programação, o Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho foi palco de encontros, negócios e boas conversas. A movimentação registrada na XXIV Coopershow reforçou o papel da feira como um importante momento para aproximar o produtor das soluções disponíveis no mercado e estimular novas parcerias.

Ao chegar ao fim de sua 24ª edição, a Coopershow deixou novamente a marca de um evento que vai além da exposição de produtos. Em cada encontro, negociação e troca de experiência, a feira revelou a força de um cooperativismo construído coletivamente e que segue contribuindo para o desenvolvimento do agronegócio e da economia de Paracatu e de todo o Noroeste de Minas.

A XXIV Coopershow terminou, mas os negócios iniciados, os contatos estabelecidos e as experiências compartilhadas durante os dois dias seguem como frutos de uma feira que, ano após ano, aproxima pessoas, movimenta o campo e fortalece a cooperação.

QUALIDADE, CONFIANÇA E BOM ATENDIMENTO



ELETRO NEIVA

O que há de melhor em materiais elétricos e iluminação!

Não feche nenhum orçamento antes de passar aqui!

#cobrimos ofertas

3671.1435 - 9 9845.6096

Rua Josino Valadares, 131 - Centro - Paracatu

Novo caminhão reforça coleta seletiva e trabalho das cooperativas em Paracatu

Veículo de R\$ 622 mil será utilizado pela Coopercicla e pela ASCRAP no transporte de materiais recicláveis.



A Prefeitura de Paracatu entregou, no dia 29 de julho, um caminhão zero quilômetro destinado à Coopercicla e à Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Paracatu (ASCRAP). A cerimônia aconteceu no Parque Santuário dos Buritis.

Adquirido por meio de convênio entre o Município e o Fundo Especial do Ministério Público de Minas Gerais (FUNEMP), o veículo recebeu investimento de R\$ 622 mil e será utilizado no transporte dos materiais recicláveis coletados e comercializados pelas duas entidades.

A nova estrutura deve reduzir gastos com fretes, melhorar a logística e ampliar a capacidade de trabalho das cooperativas, contribuindo para a geração de renda dos catadores e para o fortalecimento da coleta seletiva no município.

Participaram da entrega o prefeito Pedro Adjuto, a promotora de Justiça Taís Raquel Alves Trindade, o presidente da Câmara Municipal, vereador Manoel Alves, o secretário de Governo Altanir Júnior, o secretário de Meio Ambiente José Eduardo Trevisan, além das representantes da Coopercicla, Marly, e da ASCRAP, Alessandra Corrêa Guimarães.

Com quase 20 anos de atuação, a Coopercicla trabalha na coleta e triagem de materiais recicláveis em Paracatu. A ASCRAP, criada oficialmente em 2023, também atua na coleta seletiva, no apoio aos catadores e na conscientização ambiental.

A entrega do caminhão reforça a parceria entre poder público e entidades de reciclagem, contribuindo para reduzir o volume de resíduos destinados aos aterros e ampliar a sustentabilidade no município.

Caminhada marca 20 anos da Lei Maria da Penha em Paracatu

Mobilização do Agosto Lilás reuniu instituições e comunidade em defesa dos direitos e da proteção às mulheres.



As ruas do centro de Paracatu foram tomadas, na manhã de 7 de agosto, por uma mobilização em defesa dos direitos das mulheres. Promovida pela Secretaria Municipal da Mulher, Igualdade Racial e Juventude, a caminhada integrou a programação do Agosto Lilás e marcou os 20 anos da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006).

Com faixas, cartazes e mensagens de conscientização, representantes de instituições públicas, entidades, escolas e comunidade participaram do ato, reforçando a importância da prevenção e do enfrentamento à violência doméstica e familiar.

Ao longo de duas décadas, a Lei Maria da Penha ampliou os mecanismos de proteção às mulheres e fortaleceu a atuação in-

tegrada de áreas como segurança pública, saúde, assistência social e Justiça. Em Paracatu, a rede de proteção também tem na Assistência Social um importante ponto de acolhimento, orientação e encaminhamento das mulheres em situação de violência.

Mais do que lembrar a trajetória da legislação, a caminhada chamou atenção para a necessidade de manter a sociedade mobilizada. O combate à violência contra a mulher depende da informação, da denúncia, do acolhimento e da atuação conjunta das instituições.

A programação do Agosto Lilás segue durante o mês com ações de conscientização e atividades voltadas à prevenção da violência e ao fortalecimento da rede de proteção em Paracatu.

MINISTÉRIO DA CULTURA E KINROSS
APRESENTAM

4º **FLIPARACATU** **OSERTÃO EM NÓS**
MEU LUGAR NO MUNDO

26 - 30
DE AGOSTO/2026

CENTRO HISTÓRICO
DE PARACATU

FLIPARACATU.COM.BR

PATROCÍNIO MASTER
KINROSS Paracatu

PATROCÍNIO
CAIXA

APOIO
Lei Rouanet

PARCEIRO DE MÍDIA
AMAR MUND

REALIZAÇÃO
SEMPRE UM PAPO mentha AB MINISTÉRIO DA CULTURA

VENHA CONVERSAR COM...

CÁRMEN LÚCIA GENI NÚÑEZ
ALE SANTOS MÍRIAM LEITÃO
JAMIL CHADE RENATO NOGUEIRA

E MUITO MAIS...

Bordado que atravessa gerações: arte, memória e encontro em Paracatu

Sob a sombra do flamboyant, cerca de 90 bordadeiras transformaram a Praça do Santana em espaço de convivência, aprendizado e preservação cultural.



O que poderia ser apenas uma aula de bordado ganhou outro significado na Praça do Santana. Sob a sombra de um flamboyant, cerca de 90 mulheres das turmas da professora Neusa se reuniram no dia 30 de julho para celebrar o Dia Mundial do Bordado.

Entre linhas, agulhas e bastidores, a tarde foi marcada também pela natureza e pela cultura de Paracatu. O voo das araras, a florada do ipê-rosa e a mesa de café acompanhada das tradicionais quitandas ajudaram a criar o cenário para um encontro que saiu da Casa de Cultura e ocupou a praça.

A presidente-diretora da Fundação Casa de Cultura, Vera Lemos, acompanhou a atividade e destacou a importância de iniciativas que preservam conhecimentos tradicionais e fortalecem a identidade cultural do município.

Mais do que uma técnica

O encontro também revela uma dimensão menos visível do bordado: o conhecimento que passa de uma pessoa para outra.

Durante a atividade, bordadeiras mais experientes compartilharam técnicas com as iniciantes. Nesse processo, cada ponto aprendido representa também a continuidade de um saber construído ao longo do tempo.

É justamente aí que está um dos significados da celebração: bordar não é apenas produzir uma peça. É ensinar, aprender, conversar, criar vínculos e manter viva uma memória coletiva.

Em uma rotina cada vez mais acelerada, a atividade oferece ainda um contraponto. O bordado exige tempo, atenção e repetição — características que transformam o fazer manual em um momento de concentração e convivência.

Criado em 2011 pela Academia de Bordado de Täcklebo, na Suécia, o Dia Mundial do Bordado busca reunir pessoas de diferentes países em torno dessa manifestação artística e cultural.

Em Paracatu, a comemoração ganhou uma identidade própria. Entre quitandas, árvores, conversas e pontos cuidadosamente desenhados sobre o tecido, a tradição encontrou espaço para continuar sendo transmitida.

Ao fim da tarde, o resultado estava além dos bordados produzidos. Ficou o registro de uma experiência coletiva em que arte, natureza e memória se encontraram no coração da cidade.

Você sabia? O bordado também conta histórias

O bordado pode funcionar como uma forma de registro cultural. Técnicas, desenhos, cores e maneiras de produzir uma peça podem carregar referências familiares, regionais e históricas.

Quando uma bordadeira ensina determinado ponto a outra pessoa, ela não transmite apenas uma habilidade manual: transmite parte de um conhecimento que pode atravessar gerações.

Em Paracatu, a tradição ganha novos pontos a cada turma.



Projeto CUTUCAR inicia nova edição com foco na cultura e na memória de Paracatu

Iniciativa leva estudantes da rede pública e da APAE a conhecer o patrimônio histórico, cultural e natural do município.



O Projeto CUTUCAR – Cultura e Turismo no Caminho Real iniciou, no dia 7 de agosto, uma nova edição com o propósito de aproximar crianças da história, da cultura e do patrimônio de Paracatu. O lançamento aconteceu na Casa Kinross e reuniu representantes da iniciativa, autoridades, educadores e parceiros.

Patrocinado pela Kinross, por meio da Lei Rouanet, o projeto chega ao seu nono ano ampliando as ações de educação patrimonial. Em 2026, cerca de 1.200 estudantes e professores, distribuídos em 53 turmas, participarão das atividades, incluindo escolas das zonas urbana e rural e a APAE.

Coordenado por Denise Moraes, o CUTUCAR busca fazer com que os alunos reconheçam o patrimônio como parte de sua própria história. A programação começa nas escolas com rodas de conversa sobre Paracatu e, posteriormente, inclui visitas guiadas a espaços históricos e culturais, entre eles o Núcleo Histórico, Casa Kinross, Casa de Cultura, Academia de Letras e o Quilombo de São Domingos.

O projeto também estimula os estudantes a imaginar a cidade que desejam para o futuro. Na etapa “A Cidade que Queremos”, eles produzem trabalhos artísticos que serão apresentados na Mostra CUTUCAR.

Ao longo de oito anos, a iniciativa alcançou cerca de 11 mil beneficiários diretos, realizou aproximadamente 500 oficinas em 27 escolas e na APAE e contribuiu para a geração de cerca de mil postos de trabalho diretos e indiretos. Segundo projeções da FGV e do Ministério da Cultura, a movimentação econômica relacionada ao projeto chegou a aproximadamente R\$ 30 milhões.

Nesta edição, o CUTUCAR também incorpora o Seminário de Economia da Cultura, com etapa preparatória prevista para os dias 20 a 22 de agosto e os Diálogos programados para 10 a 12 de setembro.

Mais do que ensinar sobre o passado, o projeto aposta no conhecimento como caminho para fortalecer o sentimento de pertencimento. Ao conhecer a história e os saberes de Paracatu, os estudantes são estimulados a valorizar o patrimônio e a participar da construção do futuro da cidade.

Festival japonês reúne cultura, sabores e tradição em Paracatu

Primeira edição levou gastronomia, arte e manifestações da cultura japonesa à Avenida Olegário Maciel



Paracatu recebeu, nos dias 31 de julho e 1º de agosto, o 1º Festival de Gastronomia e Cultura Japonesa, promovido pelo Kaikan Paracatu-MG (ACENP – Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Paracatu). A Avenida Olegário Maciel foi transformada em espaço de encontro entre a cultura japonesa e a comunidade paracatuense.

Durante os dois dias, o público acompanhou apresentações culturais, oficinas e atrações voltadas a diferentes faixas etárias. Taikô, danças tradicionais, J-pop, origami, ikebana, mangá e caligrafia fizeram parte da programação.

A gastronomia também foi um dos destaques, com pratos como yakisoba, guioza, lámen, sushi e temaki, além de doces tradicionais. A participação de famílias e visitantes contribuiu para o clima de integração que marcou a primeira edição.

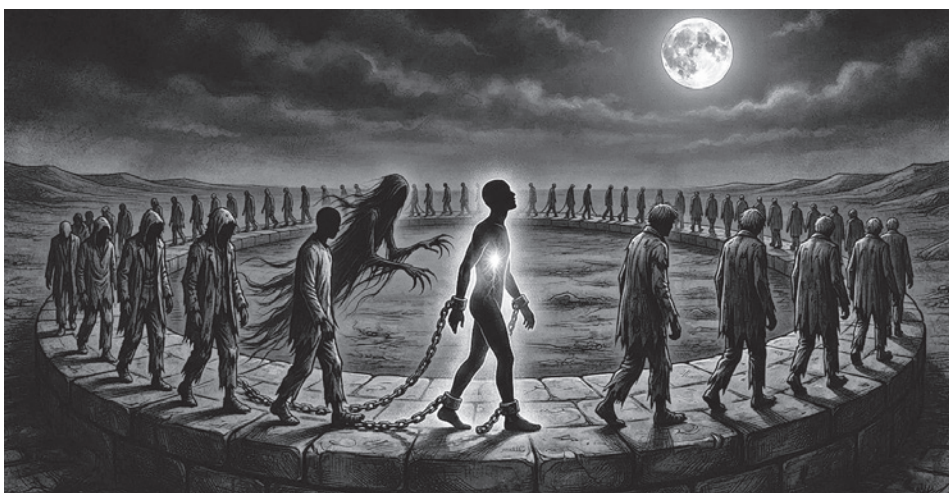
A abertura oficial contou com a presença do prefeito Pedro Adjuto, do presidente da ACENP, Yosidi Takahashi, do vice-presidente Katsuo Shimada, do embaixador do Japão no Brasil, Noguchi Yasushi, da representante da JICA, Yumiko Horiwaki,

e dos secretários municipais de Cultura e Turismo, Igor Diniz e Thiago Venâncio.

Mais do que apresentar sabores e tradições, o festival aproximou gerações e culturas, valorizando a presença da comunidade nipo-brasileira em Paracatu. A participação do público e a diversidade da programação reforçaram o potencial do evento para integrar o calendário cultural do município.



DESTINO



Entre a vida e a morte, entre as escolhas e as limitações que nos aprisionam, seguimos caminhando em direção a um destino que, muitas vezes, parece inevitável. É nessa reflexão sobre a existência humana que Rui Gonçalves Santos Júnior, professor de História, nos apresenta:

“Destino”:

Círculos eternos

Caminhando em fila

O jogo é previsível

Quanto mais vivo a morte se assanha

Prazeres negados

A vida se esvai

Em pura mediocridade

Ciente da própria luz

Aprisionado por ínfimas leis

Acorrentado por uma existência miserável

Mesmo olhar ainda sobre a lua

MILTON SANTOS, 100 ANOS DE UM PENSAMENTO QUE AINDA ILUMINA O BRASIL

No centenário de nascimento, geógrafo baiano é celebrado por uma obra que transformou a maneira de compreender o território, as cidades e as desigualdade, e será um dos patronos do 4º Fliparacatu



Há homens que estudam o mundo. E há aqueles que, ao estudá-lo, nos ensinam a enxergá-lo de outra maneira. Milton Santos pertence a essa segunda espécie.

Nascido em 3 de maio de 1926, em Brotas de Macaúbas, na Bahia, o geógrafo completaria 100 anos em 2026. Seu centenário é marcado por homenagens que reafirmam a atualidade de uma obra que ultrapassou a geografia e dialogou com a política, a economia, a educação e a vida cotidiana dos brasileiros.

Em Paracatu, a celebração ganha um significado especial. Milton Santos será um dos patronos da 4ª edição do Festival Literário Internacional de Paracatu (Fliparacatu), de 26 a 30 de agosto, no Centro Histórico. Ao lado de João Guimarães Rosa, homenageado pelos 70 anos de Grande Sertão: Veredas, ele inspira a edição de 2026, cujo tema é “SerTão em Nós: Meu Lugar no Mundo”.

A escolha aproxima dois pensadores que, por caminhos diferentes, ajudaram o Brasil a compreender seus lugares, identidades e contradições. Rosa percorreu o sertão pela literatura; Milton Santos, o território pela geografia. Ambos enxergaram muito além da paisagem.

Um brasileiro que pensou o mundo

Para Milton Santos, compreender o espaço significava compreender também as pessoas. O território não era um cenário imóvel, mas resultado das relações sociais, da economia, da política, da técnica e da vida de quem o habita.

Essa visão crítica fez dele um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX e uma referência internacional da geografia. Sua obra examinou as transformações provocadas pela globalização e as contradições de um mundo em que a modernização e a tecnologia não chegam a todos da mesma maneira.

Seu pensamento permanece atual diante das desigualdades das cidades: de um lado, áreas com infraestrutura e acesso à tecnologia; de outro, comunidades onde serviços e oportunidades ainda são escassos.

O território também conta histórias

Uma das grandes contribuições de Milton Santos foi mostrar que os lugares carregam histórias. Uma cidade não é apenas um conjunto de edifícios, assim como um território não é apenas uma porção de terra no mapa.

Em cada espaço existem relações, memórias, disputas, oportunidades e desigualdades. Há quem possa escolher onde morar e quem tenha suas possibilidades limitadas pelas condições econômicas.

É nesse encontro entre espaço e sociedade que seu pensamento continua vivo. E é também por isso que sua presença no Fliparacatu faz sentido.

Em uma cidade histórica como Paracatu, onde passado e presente se encon-

tram, falar sobre território é falar também de memória, identidade, pertencimento e do lugar que cada pessoa ocupa no mundo.

Um legado que atravessou fronteiras

A importância de sua obra ultrapassou o Brasil. Em 1994, Milton Santos recebeu o Prêmio Vautrin Lud, uma das mais importantes distinções internacionais da geografia e, até hoje, a única concedida a um latino-americano.

Homem negro, brasileiro e vindo do interior da Bahia, alcançou reconhecimento mundial sem abandonar a preocupação com o país e com aqueles que frequentemente permanecem invisíveis nas grandes narrativas.

Em 2026, seu centenário oferece a oportunidade de revisitar perguntas que continuam atuais.

Na Universidade de São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP), em parceria com o Departamento de Geografia da FFLCH-USP e programas de pós-graduação, realizou, de 4 a 8 de maio, o seminário “Milton Santos 100 anos: um geógrafo do século XXI”, reunindo pesquisadores, professores e artistas para discutir sua vida e obra.

Cem anos depois

Milton Santos morreu em 2001, mas seu pensamento continua presente cada vez que se pergunta por que uma cidade é desigual, quem se beneficia da globalização ou de que maneira o lugar onde uma pessoa nasce influencia suas oportunidades.

Seu maior legado talvez esteja justamente em transformar essas questões em perguntas permanentes.

Em agosto, em Paracatu, esse pensamento encontrará o sertão de Guimarães Rosa, as ruas da cidade histórica e o público do 4º Fliparacatu.

Um século depois de nascer na Bahia, Milton Santos continua nos ensinando a olhar para o Brasil.

E, ao olhar para o território, a enxergar as pessoas.

Fonte: Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e Fliparacatu.

MORRE EMILIANO PEREIRA BOTELHO, UMA DAS REFERÊNCIAS DO AGRONEGÓCIO DE PARACATU

Aos 78 anos, empresário e líder do setor agropecuário deixa trajetória marcada pelo cooperativismo, pelo Prodecer e pela transformação do Cerrado em uma das grandes fronteiras agrícolas do país



Paracatu perdeu, no dia 11 de agosto, uma de suas figuras mais ligadas à história recente do desenvolvimento econômico do município. Aos 78 anos, morreu Emiliano Pereira Botelho, presidente da Companhia de Promoção Agrícola (CAMPO) e um dos nomes que ajudaram a construir a trajetória do agronegócio no Cerrado.

Nascido em Paracatu, Emiliano era profundamente ligado às origens da cidade e à atividade rural. Sua história profissional atravessou diferentes momentos da transformação econômica do município e se confunde, em boa medida, com a expansão da agricultura moderna na região.

A morte ocorreu após um traumatismo cranioencefálico (TCE) grave, sofrido na sexta-feira, dia 7. O acidente provocou um expressivo sangramento intracraniano. Emiliano foi submetido a cirurgia e permaneceu internado em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Municipal de Paracatu, mas não resistiu aos ferimentos.

Sua trajetória começou também pelo serviço público. Em 1973, assumiu a chefia de gabinete da Prefeitura de Paracatu. Anos depois, entre 1982 e 1992, ocupou posições de liderança na Cooperativa Agropecuária do Vale do Paracatu (Coopervap), primeiro como superintendente e, posteriormente, como diretor-geral e presidente. Nesse período, participou de iniciativas que contribuíram para a estruturação da produção leiteira, do crédito rural e da modernização da atividade agropecuária regional.

Foi, entretanto, à frente da Companhia de Promoção Agrícola (CAMPO) que Emiliano ganhou projeção nacional e internacional. Desde 1992, comandava a empresa ligada ao Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro para o Desenvolvimento dos Cerrados (Prodecer), iniciativa que marcou profundamente a ocupação agrícola e a modernização de extensas áreas do Cerrado brasileiro.

Emiliano acompanhou diferentes etapas do Prodecer. Em depoimento sobre sua trajetória, lembrava que esteve ligado ao programa em três momentos: primeiro, na Prefeitura de Paracatu; depois, na direção da cooperativa; e, posteriormente, na presidência da CAMPO. Para ele, o programa não significava apenas produção agrícola, mas também a criação de empregos, renda e novas oportunidades para as cidades envolvidas.

Sob sua liderança, a experiência adquirida no Cerrado ultrapassou as fronteiras brasileiras. A CAMPO ampliou sua atuação em pesquisa, tecnologia agrícola e intercâmbio internacional, levando conhecimentos desenvolvidos no Brasil para projetos de agricultura tropical em outros países.

A relação com o Japão também foi um dos capítulos mais importantes de sua trajetória. O intercâmbio técnico e a participação na cooperação entre os dois países renderam a Emiliano, em 2005, a Grande Medalha da Ordem do Sol Nascente, uma das importantes distinções concedidas pelo governo japonês. Registros públicos também apontam entre suas homenagens a Comenda Antônio Secundino de São José e outras distinções nacionais e internacionais.

Em Paracatu, seu nome ficou associado de maneira definitiva ao campo. O principal parque de exposições do município recebeu o nome de Parque de Exposições Emiliano Pereira Botelho, reconhecimento à sua contribuição para a atividade agropecuária e para o desenvolvimento econômico local. O espaço, que atualmente recebe grandes eventos da cidade, carrega diariamente o nome de quem dedicou boa parte da vida ao fortalecimento do setor rural.

A trajetória de Emiliano, porém, não cabe apenas nos números do agronegócio ou nos cargos que ocupou. Ela passa pela história de uma Paracatu que viu o Cerrado mudar de paisagem, a produção ganhar escala e a agricultura se tornar uma das principais forças econômicas da região.

Sua geração ajudou a abrir caminhos quando muitas dessas possibilidades ainda eram apenas projetos. Emiliano esteve entre aqueles que fizeram a ponte entre a tradição rural de Paracatu e a agricultura tecnológica que se consolidaria nas décadas seguintes.

Agora, enquanto a cidade segue sua rotina e o campo continua seu ciclo de plantio e colheita, fica a marca de uma vida dedicada a construir caminhos. A terra permanece produzindo, mas Paracatu perde uma de suas vozes mais presentes na história do desenvolvimento do seu agronegócio.

E talvez seja justamente essa a medi-

da de uma trajetória: quando a pessoa parte, mas seu nome continua escrito na paisagem, nas instituições e na memória de uma cidade.

QUANDO A VÁRZEA PULSA, PARACATU ENTRA EM CAMPO

Histórias de Dário Alegria e

Ronaldo Planeta integram acervo nacional do Museu da Pessoa e revelam como o futebol também é feito de pertencimento, amizade, trabalho e memória

Há campos que cabem em um estádio. Outros cabem na memória de uma cidade.

É nos campos de terra, nas arquibancadas improvisadas, nas camisas carregadas de histórias e nos fins de semana vividos entre amigos que o futebol de várzea construiu uma das mais bonitas páginas da cultura popular brasileira. Um futebol que nem sempre teve grandes refletores, mas que nunca precisou deles para iluminar vidas.

Essa história agora ganha registro nacional por meio do projeto Memórias do Futebol de Várzea, realizado pelo Museu da Pessoa. A iniciativa reúne histórias de vida de personagens que encontraram nos campos muito mais do que uma competição: encontraram identidade, comunidade, amizade, trabalho e uma maneira de deixar marcas no lugar onde viveram.

Entre os personagens que integram esse acervo estão dois nomes ligados a Paracatu: Jurandir Dário Gouveia Damasceño, o Dário Alegria, e Ronaldo Lopes da Silva, conhecido como Ronaldo Planeta. Duas trajetórias diferentes, unidas pela bola e pela capacidade de transformar o esporte em parte de uma história maior.

Dário Alegria: quando a bola ajudou a escrever uma vida



Natural de Paracatu, Dário Alegria cresceu entre a música e o futebol. Filho de um conhecido sanfoneiro da cidade, acompanhava o pai em bailes e festas populares. Ainda adolescente, porém, precisou conhecer cedo as responsabilidades da vida.

Aos 14 anos, perdeu o pai. Como irmão mais velho de uma família com oito irmãos, passou a ajudar no sustento da casa. Foi nesse período que o futebol ganhou um novo significado em sua trajetória.

O talento que carregava nos pés o levou para além dos limites de Paracatu. Dário atuou por equipes de diferentes cidades e estados, passando por Brasília, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, além de ter jogado no México.

Vieram gols, títulos e experiências que fizeram da bola uma companheira de viagem. Mas a carreira nos gramados não apagou suas raízes. De volta à terra natal, Dário continuou ligado à comunidade, carregando consigo as histórias de um tempo em que o futebol era também uma escola de vida.

Seu apelido, Alegria, parece resumir aquilo que o esporte representou em sua caminhada: mesmo diante das dificuldades, havia espaço para sonhar, jogar e seguir em frente.

Ronaldo Planeta: o homem que fez do futebol um caminho

A história de Ronaldo Planeta começa em Vazante, onde nasceu, mas encontra em Paracatu o lugar onde sua vida ganhou raízes.

Criado em uma família numerosa de trabalhadores rurais, Ronaldo encontrou no futebol uma paixão que se transformaria em profissão, sustento e compromisso com a comunidade.



O apelido “Planeta” nasceu de um gol memorável. Como acontece tantas vezes na várzea, uma jogada virou história, a história virou apelido e o apelido acabou se tornando parte da identidade de um homem.

Jogador dedicado, Ronaldo também construiu carreira como árbitro, reconhecido pela disciplina e pela firmeza. Sua trajetória chegou às Federações Mineira e Paulista de Futebol.

Mais do que viver do esporte, Ronaldo viveu para o esporte. Foi com o futebol que criou os três filhos e construiu sua trajetória profissional.

Hoje, no bairro São Domingos, em Paracatu, continua mantendo vivos antigos laços comunitários. Entre o trabalho artesanal com a rapadura e a organização de competições esportivas nos fins de semana, segue fazendo aquilo que aprendeu nos campos: reunir pessoas.

Muito mais que futebol

O projeto do Museu da Pessoa revela que falar de futebol de várzea é falar também de bairros, famílias, amizades e sonhos.

A várzea nasceu e cresceu ligada às comunidades. Seus campos foram construídos e cuidados muitas vezes pelas próprias pessoas que ali jogavam. Uniformes, campeonatos, clubes e equipes sobreviveram graças ao esforço de voluntários e apaixonados pelo esporte.

Cada time carrega o nome e a memória de um lugar. Cada campeonato reúne histórias. Cada jogador leva para casa não apenas o resultado de uma partida, mas lembranças que permanecem por décadas.

É por isso que a várzea ultrapassa as quatro linhas. Ela é um território de pertencimento.

E quando essas histórias são registradas, deixam de pertencer apenas à lem-

brança de quem as viveu. Passam a fazer parte da memória coletiva.

Paracatu também está nessa história

A presença de Dário Alegria e Ronaldo Planeta no projeto Memórias do Futebol de Várzea coloca Paracatu em um acervo que preserva uma parte importante da história social e esportiva brasileira.

São histórias que mostram que o futebol não se resume aos grandes estádios, aos craques conhecidos nacionalmente ou aos troféus disputados sob os holofotes.

Há também um futebol feito de poeira, domingo, amizade e comunidade.

Um futebol que sobrevive porque alguém abre o campo, outro organiza a partida, alguém veste a camisa e dezenas de pessoas chegam para assistir.

É nesse futebol que vivem memórias de infância, amizades para a vida inteira, histórias de superação e personagens que talvez nunca tenham aparecido nas páginas dos grandes jornais, mas que foram gigantes dentro de suas comunidades.

Dário Alegria e Ronaldo Planeta agora têm suas histórias preservadas em um projeto nacional. E, com elas, Paracatu também ganha um lugar nessa grande memória brasileira.

Porque algumas histórias não precisam de estádio lotado para serem importantes.

Basta que alguém se lembre.

E que a memória continue jogando.

Fonte: Museu da Pessoa — Projeto Memórias do Futebol de Várzea. O projeto reúne histórias de vida relacionadas ao futebol de várzea e é realizado pelo Museu da Pessoa, com financiamento de emenda parlamentar do deputado estadual Antonio Donato e apoio da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo.

Leia as histórias completas no acervo do Museu da Pessoa: Projeto Memórias do Futebol de Várzea — Museu da Pessoa

ONDE A MEMÓRIA CONTA E O RISO MORA: DIDI TRANSFORMA LEMBRANÇAS DE PARACATU EM LIVRO NO FLIPARACATU
Aos 71 anos, músico, compositor e tabelião lança sua obra no momento em que Paracatu celebra sua memória, sua cultura e a força de suas raízes no maior encontro literário da cidade

Há memórias que o tempo não apaga. Elas permanecem nas canções, nas histórias contadas entre amigos, nas ruas



de uma cidade e, sobretudo, naqueles que sabem transformar lembrança em palavra. É nesse encontro entre memória, música e afetos que Adailton Silva, o Didi, ou simplesmente Didi Paracatu, chega à quarta edição do Fliparacatu com um livro que carrega a alma de sua terra.

Intitulado Onde a memória conta e o riso mora, o livro será lançado durante o festival, entre os dias 26 e 30 de agosto de 2026, em um momento especialmente simbólico para o autor e para Paracatu. Aos 71 anos, Didi reúne em páginas aquilo que sua trajetória construiu ao longo de décadas: histórias, lembranças, personagens, música e o olhar de quem viveu profundamente a cultura mineira.

Nascido em Paracatu, em 1955, Didi é músico, compositor e tabelião. Estudou no Conservatório da UFMG, gravou o disco Quintal de Memórias e construiu uma trajetória cultural marcada pela valorização das raízes mineiras. Agora, ao publicar seu livro, transforma parte dessa caminhada em patrimônio compartilhado, uma memória individual que encontra espaço na memória coletiva de uma cidade.

O lançamento acontece em uma edição do Fliparacatu que não poderia ser mais apropriada para receber uma obra como essa. Em 2026, o festival homenageia João Guimarães Rosa, pelos 70 anos de Grande Sertão: Veredas, e Milton Santos, no centenário de seu nascimento.

Entre literatura, memória, identidade, democracia, meio ambiente e os desafios do mundo contemporâneo, Paracatu se coloca novamente no centro de uma conversa que ultrapassa seus limites geográficos.

E é justamente nesse cenário que o livro de Didi ganha uma importância especial. Lançá-lo agora significa registrar, no presente, aquilo que poderia se perder no futuro. Significa permitir que histórias vividas, lembranças guardadas e experiências de uma geração encontrem novos leitores.

O próprio título, Onde a memória conta e o riso mora, sugere o caminho dessa narrativa: a memória como território de pertencimento e o riso como uma maneira de atravessar o tempo. Didi não lança apenas um livro. Lança um pedaço de sua história, e, com ela, um pedaço da história cultural de Paracatu.

A participação de escritores e escritoras no Fliparacatu também ganha força por meio de uma iniciativa que oferece gratuitamente espaço para o lançamento de suas obras durante o festival, com sessões de autógrafos abertas ao público. É uma oportunidade para que a literatura produzida a partir de diferentes experiências encontre seus leitores e ocupe o espaço público.

Promovido com o patrocínio da Kinross, por meio da Lei Rouanet do Ministério da Cultura, o Fliparacatu conta com patrocínio da Caixa e apoio cultural da Prefeitura de Paracatu, da Academia de Letras do Noroeste de Minas e do Sebrae. A programação tem curadoria de Sérgio Abranches, Calila das Mercês e Afonso Borges, além da programação local assinada por Daniela Prado e da curadoria infantojuvenil de Rafael Nolli.

No meio de tantos nomes, debates e homenagens, há também espaço para aquilo que nasce perto, dentro de casa, nas lembranças de uma cidade. Didi chega ao Fliparacatu para lembrar que a literatura também pode ser feita de quintais, encontros, risadas e histórias que insistem em permanecer.

Porque, quando a memória conta, o tempo escuta. E quando o riso mora na lembrança, a história encontra uma maneira bonita de continuar viva.

A Ética em Tempos de Politicagem

Robson Stigar

A palavra ética vem do adjetivo grego Ethike, que na compreensão antiga qualificava um tipo específico de saber prático. Este adjetivo possui sua raiz semântica no substantivo Ethos que tem duas grafias diferentes: a primeira utiliza a letra grega Eta, sendo que designa um conjunto de costumes e leis que regem a vida de um grupo social; a segunda utiliza a letra grega Epsilon, que designa a constância no comportamento individual que se baseia na vivência dos costumes. Tal definição vai ao encontro da que é proposta por Aristóteles em sua obra Ética a Nicômaco. O que ele fez foi adaptar empiricamente as regras para a conduta ética que mantivessem um valor provável na satisfação das complexidades da existência humana.

Percebe-se assim que a ética está ligada à formação própria do ser humano, pois as virtudes éticas são o resultado do hábito, ou seja, nenhuma ética surge em nós por natureza, mas por ela se é potencialmente capaz de formá-los e, mediante o exercício, traduz-se está potencialmente em atualidade.

Trazendo a ética para a Política, constatamos que não há ética sem política, nem política sem ética. Polis, na origem da palavra política, remetia à cidade, no sentido que lhe atribuía o pensamento grego - de

espaço público. Na definição de Aristóteles, o homem é “um ser político”. Cidade e cidadania nascem das mesmas raízes. A democracia ateniense, o maior crime - segundo o código de Péricles - era a abstenção. Deixar de se pronunciar sobre temas que determinavam os destinos coletivos era o crime punido mais duramente. Não havia fronteiras definidas entre o indivíduo e a sociedade. Indivíduo e cidadão se identificavam. A ética era, portanto, obrigatoriamente uma ética coletiva. A ética passa a ter no indivíduo seu protagonista fundamental. Falar de ética passa a remeter à ética do indivíduo.

Desta forma, a esfera pública é vítima do liberalismo, que centra sua visão em torno da polarização estatal/privado, fazendo desaparecer o público. Como se existisse apenas o Estado, estrutura de poder externa aos indivíduos, constituída e legitimada ou deslegitimada conforme os interesses e os valores destes. Como se a esfera privada fosse o repositório da ética. O Estado será julgado segundo os critérios dos indivíduos - quanto menos Estado,



mais liberdade individual. Estado moral seria o Estado mínimo - o que respeita, não viola e protege os direitos individuais. E que só intervêm se estes direitos estiverem sendo violados.

A ética individual desvinculada da política é o correlato da concepção mercantil. Surgem as imagens do “bom marido, bom pai de família, cumpridor dos seus deveres (individuais)”, porém egoísta, zelando apenas pelos interesses dos seus, de costas para o mundo, para a grande maioria. Assim sendo conclui-se que o reino da ética supõe a centralidade da esfera pública, de

um Estado que se reconcilia com os interesses individuais, porque os indivíduos se tornam, todos, cidadãos, seres emancipados e reconciliados com os outros e com a sociedade como um todo. Isto, no entanto, supõe a superação das raízes da máquina que joga os interesses de cada um contra o dos outros - o reino do mercado. O mercado, na sua versão naturalizada, aparece como a ética, quando seu mecanismo perversamente permite a realização dos interesses dos mais fortes, constituindo-se numa brutal máquina de exclusão de direitos e de cidadania.

Memórias da Educação: A Merenda Escolar em Paracatu



Cantineiras servindo a merenda escolar para alunas da Escola Municipal Altina de Paula Souza (Sede Provisória), no Entre-Ribeiros, em 2005

Por: Carlos Lima (Arquivista)

Do simples e costumeiro mingau ao tradicional e nutritivo feijão com arroz, o lanche servido nas escolas de Paracatu evoluiu para uma refeição mais completa e trouxe mais dignidade a milhares de alunos de instituições públicas de ensino. Neste contexto, a preservação da memória administrativa, acessível através dos arquivos escolares, é, sem dúvida alguma, uma forte aliada na compreensão das mudanças que ocorreram, ao longo de mais de 60 anos de história, no cardápio da merenda escolar e que trouxeram significativos avanços para o bem estar social e o rendimento no aprendizado.



Servidora pública durante o curso de aperfeiçoamento para merendeira, na antiga Escola CAIC, em 2007

Registros históricos e recentes sobre a distribuição das refeições servidas para os alunos da rede municipal de ensino de Paracatu comprovam uma significativa complementação do cardápio, posteriormente a implantação oficial, no Brasil, da Campanha de Merenda Escolar (CME), em 31 de março de 1955, através da assinatura do Decreto nº 37.106. A alimentação que, inicialmente, resumia-se às misturas lácteas, como o mingau, passou, tempos mais tarde, a ser servida com cereais, leguminosas e proteína (sopas ou macarrão com carne seca), e mais recentemente, o corriqueiro arroz com feijão, acompanhado de proteína (carne ou frango), salada, e como sobremesa, uma fruta.

Mapa da merenda escolar servida, em março de 1961, pela cantina do Grupo Escolar Dom Serafim Gomes Jardim

Um precioso documento assinado pela então Professora Zenóbia Vilela Loureiro, em 31 de março de 1961, traz um panorama da simplicidade da merenda escolar preparada na cantina do Pré-Escolar do Grupo Dom Serafim Gomes Jardim. Os estudantes do estabelecimento ensino tinham como lanche apenas leite quente misturado a amendoim e açúcar, às vezes, somente leite puro mesmo, e, em outras ocasiões, o mingau de maiseina, como se pode constatar do Controle da Distribuição de Merendas (1961), que ilustra este artigo e que faz parte do rico acervo do Arquivo Público Municipal.

Já no registro de Demonstrativo Trimestral da Distribuição de Refeições e Consumo de Gêneros na Escola (ver ilustração), datado

de 24/05/1982 e expedido pela Escola Municipal localizada na Fazenda Rio Grande, em Paracatu, há o registro detalhado sobre a merenda daquela instituição, cujas saborosas recordações permanecem, por certo, vivas na memória de alguns de seus egressos. O formulário preenchido à mão, pela diretora Elaine Pereira Blank, discrimina os lanches servidos diariamente, dentre os quais, o “arroz de leite com canela” e ainda, a campeã dos pratos naquela instituição, a “sopa de macarrão”, e também, o menos ofertado por ali, o “macarrão com carne [seca]”, já que se registra, na mesma fonte de pesquisa, o charque como ingredientes daqueles lanches.

Cardápio do lanche servido, em maio de 1982, pela Escola Municipal da Fazenda Rio Grande

Em comparação com as refeições servidas nas escolas municipais de Paracatu, entre as décadas de 1960 e 1990, verifica-se uma mudança substancial no atual programa de alimentação destinado ao esse fim, já que a mesa dos alunos passou a contar com o tradicional feijão com arroz acrescido de proteína (carne ou frango), além de salada, e como sobremesa, uma fruta, portanto, tendo um prato típico de almoço como refeição principal. Às sextas-feiras, está previsto também um sanduíche natural com frango e cenoura acompanhado de suco de polpa de manga como café da manhã, como verifica-se no documento intitulado Cardápio Ensino Fundamenta/Médio Urbano do ano de 2025, obtido, com exclusividade, junto à Escola Municipal Bezerra de Menezes, no Bairro Paracatuzinho.

Uma visitação aos arquivos escolares, portanto, amplia sobremaneira o horizonte para uma compreensão mais precisa sobre as alterações relacionadas à distribuição e ao cardápio da merenda escolar, particularmente no município de Paracatu, ao longo do tempo, além de sua relevância enquanto política pública indispensável no combate à fome e nos impactos positivos sobre o rendimento apresentado por milhares de alunos.

Cardápio do ensino fundamental/médio urbano empregado pelo Município de Paracatu em 2025

Nossos agradecimentos à Professora Cíntia Myrele pelo envio da cópia do cardápio sobre a merenda escolar servida na Escola Municipal Bezerra de Menezes, em 2025.

(*) Carlos Lima é graduado em Arquivologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e é colunista do perfil Paracatuemora Raiz no Instagram, do site paracatuemora.raiz.wordpress.com e do Jornal O Lábaro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). 2023. Disponível em: < <https://www.gov.br/fnde/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/pnae/historico> > . Acesso em: 11 Ago. 2026
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU. Cardápio Ensino Fundamenta/Médio Urbano do ano de 2025 – Prefeitura Municipal de Paracatu. Disponível na Escola Municipal Bezerra de Menezes. 2025. 01 fl.
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU. Demonstrativo Trimestral da Distribuição de Refeições e Consumo de Gêneros na Escola Municipal Rio Grande. Cx. 140. 1982. 01 fl.
PREFEITURA MUNICIPAL DE PARACATU. Mapa nº 03 – Controle da Distribuição de Merendas do Pré-Escolar do Grupo Dom Serafim Gomes Jardim. Cx. 140, Maço 02. 1961. 01 fl.

Quando ter informação não significa saber

Em “O Século dos Imbecis”, Valter Hugo Mãe transforma uma fábula de humor e realismo mágico em uma reflexão sobre ignorância, desinformação e as contradições do mundo contemporâneo.

Há uma ironia no título do novo romance de Valter Hugo Mãe: em uma época em que nunca tivemos tanto acesso à informação, o escritor português nos convida a pensar justamente sobre a falta de conhecimento.

Lançado no Brasil em 2026 pela Biblioteca Azul, O Século dos Imbecis é uma fábula que mistura humor, realismo mágico e crítica social para observar uma sociedade marcada por excessos, intolerância, interesses e contradições. A obra parte de uma pergunta incômoda: de que adianta saber tantas coisas se não conseguimos compreender o mundo em que vivemos?

No centro da narrativa está Agilulfo, o Marquês da Malandrinha, um personagem tão excêntrico quanto simbólico. Ele vive em um palacete no alto de uma montanha e possui uma característica extraordinária: quanto mais desce em direção à vila, mais emburrece; quanto mais sobe, mais lúcido e brilhante se torna.

A montanha, assim, deixa de ser apenas cenário. Torna-se uma espécie de medida da inteligência humana.

A montanha e a vila

No alto está a Malandrinha, o palacete que domina a paisagem. Abaixo, uma pequena comunidade onde circulam desejos, ambições, boatos, paixões, invejas e interesses.

É nesse espaço que Valter Hugo Mãe constrói sua fábula.

A vila funciona como um pequeno retrato do mundo. Seus habitantes reproduzem comportamentos que podem parecer absurdos, mas que não são tão distantes da realidade. A comunidade é atravessada pela necessidade de acreditar, pela facilidade de julgar e pela dificuldade de olhar para o outro com compreensão.

Agilulfo, por sua vez, parece carregar uma contradição essencial: quando está distante da vida cotidiana, torna-se mais lúcido; quando se aproxima dela, perde inteligência.

A inversão é divertida, mas também provocadora.

O século da informação

A força do romance está justamente em não tratar a estupidez apenas como ausência de conhecimento.

O problema pode estar também no excesso de informação sem reflexão.

Vivemos cercados por notícias, imagens, opiniões, vídeos, mensagens e comentários. Temos acesso a mais dados do que qualquer geração anterior. Mas informação não é necessariamente conhecimento. E conhecimento, por si só, também não garante sabedoria.

É nesse espaço entre saber e compreender que a sátira de Valter Hugo Mãe encontra sua força.

A obra questiona uma sociedade que pode ter acesso a tudo e, ainda assim, escolher a superficialidade. Uma sociedade em que o comentário pode substituir o pensamento e a opinião pode aparecer antes da compreensão.

Por isso, o livro não fala apenas dos “outros”.

Ele fala de nós.

O humor como espelho

Valter Hugo Mãe não constrói uma crítica pesada em tom de sermão. Ao contrário. O escritor utiliza o humor e o absurdo para fazer o leitor rir diante de situações



que, depois de algum tempo, deixam de parecer tão engraçadas.

Essa é uma das características mais interessantes da obra.

O riso abre a porta para a reflexão.

A narrativa reúne cobiça, inveja, vergonha, desejo, ganância, solidariedade e estupidez, mas também apresenta personagens capazes de alterar os destinos individuais e coletivos da comunidade. As mulheres do vilarejo, em especial, ocupam papel importante na transformação dos acontecimentos.

O resultado é uma história que oscila entre o absurdo e a humanidade.

Uma pergunta para o nosso tempo

O Século dos Imbecis chega em um momento em que discutir informação e conhecimento se tornou inevitável.

As redes sociais aceleraram a circulação de ideias. A inteligência artificial ampliou ainda mais a capacidade de produzir e distribuir conteúdos. Ao mesmo tempo, a desinformação ganhou velocidade e a dificuldade de distinguir conhecimento, opinião e manipulação tornou-se um dos grandes desafios da vida contemporânea.

O romance não oferece uma fórmula para resolver esse problema.

Talvez nem seja essa sua intenção.

Seu papel é mais incômodo: colocar um espelho diante do leitor.

Afinal, quem são os imbecis do título?

Os outros? Os que acreditam em tudo?

Os que não querem aprender? Os que confundem informação com conhecimento? Ou todos nós, em algum momento, quando deixamos de pensar por conta própria?

É justamente por não entregar respostas fáceis que a fábula permanece na cabeça depois da leitura.

Valter Hugo Mãe transforma uma pequena vila, uma montanha e um personagem peculiar em uma reflexão muito maior sobre a condição humana. E lembra que, em um mundo saturado de informações, talvez a verdadeira inteligência esteja menos em saber cada vez mais e mais em aprender a pensar sobre aquilo que sabemos.

Porque talvez o perigo do nosso tempo não seja a falta de informação.

Seja ter informação demais e compreender de menos.

Fonte

Biblioteca Azul, Porto Editora e materiais de divulgação de O Século dos Imbecis, de Valter H.

Relíquias de São Vicente de Paulo chegam a Paracatu em momento histórico de fé e devoção

Comunidade São Vicente de Paulo recebeu, entre os dias 14 e 16, a peregrinação das relíquias do santo, reunindo fiéis para momentos de oração, espiritualidade e celebração da fé.



Paracatu viveu, entre os dias 14 e 16, um momento especial de fé, oração e espiritualidade com a chegada das Relíquias de São Vicente de Paulo à Comunidade São Vicente de Paulo. A visita fez parte de uma grande peregrinação que percorre dioceses e paróquias brasileiras, proporcionando aos fiéis uma oportunidade única de conhecer mais de perto a história e o legado de um dos grandes santos da Igreja.

Durante a permanência em Paracatu, a comunidade teve a oportunidade de participar da programação preparada para a ocasião, em um ambiente marcado pela oração, devoção e espiritualidade. O momento foi aberto a toda a comunidade e reuniu fiéis que desejavam prestar sua homenagem a São Vicente de Paulo e fortalecer a própria caminhada de fé.

Entre as relíquias peregrinas estiveram um fragmento de uma das túnicas utilizadas por São Vicente de Paulo, um fragmento de osso de sua costela e uma carta enviada a Santa Luísa de Marillac, datada de 1630. Também esteve presente uma réplica em cera do corpo do santo, permitindo aos visitantes conhecer de maneira mais concreta um pouco da história de São Vicente de Paulo.

Relíquias preservadas em Paris

O corpo principal e definitivo de São Vicente de Paulo encontra-se na Capela da Casa-Mãe da Congregação da Missão (Padres Lazaristas), em Paris, na França. O corpo preservado em cera é apresentado aos fiéis em um relicário. Já o coração do santo é conservado em outro relicário, na Capela de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, também em Paris.

No Brasil, uma urna contendo relíquias

itinerantes de primeiro grau, como um fragmento de osso da costela, e de segundo grau, como vestes e cartas relacionadas ao santo, percorre diferentes comunidades em uma grande peregrinação jubilar, prevista para seguir até março de 2028.

A presença das relíquias em Paracatu representou, sem dúvida, um momento histórico e de grande significado espiritual para toda a comunidade. Mais do que conhecer objetos ligados à vida de São Vicente de Paulo, os fiéis foram convidados a recordar seu testemunho de fé, caridade e dedicação aos mais necessitados.

A passagem das relíquias deixou na comunidade uma mensagem de esperança e renovação da fé, convidando cada pessoa a seguir o exemplo de São Vicente de Paulo e transformar a espiritualidade em gestos concretos de amor, solidariedade e serviço ao próximo.



Academia de Letras do Noroeste de Minas celebra 30 anos

Solenidade reuniu acadêmicos, autoridades e convidados em noite de homenagens à literatura e à memória regional.

Fotos: Douglas Fernandes



A Academia de Letras do Noroeste de Minas (ALNM) celebrou 30 anos de fundação em solenidade realizada no dia 29 de julho, em Paracatu. O encontro reuniu acadêmicos, escritores, autoridades, familiares e convidados para marcar três décadas de atuação em defesa da literatura, da memória e da cultura regional.



Durante a cerimônia, foram homenageadas personalidades que contribuíram para a trajetória da instituição e para a valorização da cultura no município e no Noroeste de Minas.

Receberam homenagens Coraci da Silva Neiva Batista, Dalia Maria Neiva Moreira Salles, Maria José Gonçal-

ves Santos, Lavoisier Wagner Albernaz, Adailton Silva (Didi), Almir Paracá Cristóvão Cardoso, Berenice Maria Mendes Nascimento, Delma Dalva Silva Santos, Enos Araújo Barbosa, Edina Sueli das Dores, Ildeu Novais Pinto, Isac Costa Arruda, José Maria das Neves (Zé Badauê), Luiza da Silva Pereira, Max Gonçalves Ulhoa, Mércia Vasconcelos Souto, Rosilene Bispo de Jesus, Ruth Brochado Ferreira, Uldicéia Oliveira Rigueti e Valdete de Fátima Lopes.

Também foram lembrados, in memoriam, Humberto Lapesqueur Torres, Joaquim André Sobrinho (Zoté André), José Augusto Pinheiro (Zé Baguinho), Manoel Borges de Oliveira, Sílvio Lapesqueur e Walderez Porto Gonçalves dos Santos, reconhecidos pela contribuição deixada à história cultural da região.

Um dos destaques da noite foi o lançamento do edital da Academia de Letras Infantojuvenil (ALIF), iniciativa que busca aproximar crianças e adolescentes da leitura, da escrita e da produção literária, além de estimular a formação de novos leitores e escritores.

A cerimônia contou ainda com apresentação do Coral Stella Maris e exibição de um vídeo com registros dos 30 anos de história da Academia.

Ao longo de sua trajetória, a ALNM tem promovido publicações, pesquisas, concursos literários, encontros e projetos de incentivo à leitura, contribuindo para a preservação da memória e da identidade cultural de Paracatu e do Noroeste de Minas.

Ao completar três décadas, a instituição reafirma seu compromisso com as letras e com as novas gerações. O lançamento da ALIF simboliza justamente essa continuidade: preservar o que foi construído e, ao mesmo tempo, abrir espaço para que novos talentos escrevam os próximos capítulos dessa história.



Quando a mentira adoece: a desinformação também é uma ameaça à saúde

Em meio ao debate eleitoral, vacinação precisa permanecer acima da disputa política e ser tratada como questão de saúde pública.

Há assuntos que não deveriam voltar ao centro do debate. A vacinação é um deles. Mas a realidade mostra que, em tempos de redes sociais, informação e desinformação disputam diariamente a atenção da população, e o resultado dessa disputa pode ter consequências concretas.

Em um ano eleitoral, o cuidado precisa ser ainda maior. A saúde pública não pode se transformar em instrumento de disputa política, muito menos a vacinação ser tratada como questão ideológica.

Vírus não têm partido, não votam e não escolhem lado. Eles simplesmente circulam quando encontram condições favoráveis.

O recente avanço do sarampo nas Américas é um lembrete disso. Em 2025, a região registrou 14.891 casos confirmados e 29 mortes pela doença. Nas primeiras semanas de 2026, mais de mil novos casos já haviam sido confirmados em sete países. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), entre os casos com informação disponível sobre vacinação, 78% eram de pessoas não vacinadas.

No Brasil, o alerta também chegou. Em julho, o Ministério da Saúde ampliou a recomendação de vacinação contra o sarampo para pessoas de 6 meses a 59 anos em São Paulo, Guarulhos e São Bernardo do Campo, após a identificação de casos e de uma cadeia de transmissão relacionada à importação do vírus.

Não é preciso recorrer ao alarmismo para compreender a gravidade. O sarampo é uma doença altamente contagiosa e pode provocar complicações graves e até morte. A OMS informa que a vacinação evitou quase 59 milhões de mortes por sarampo entre 2000 e 2024. Ainda assim, estima-se que 95 mil pessoas tenham morrido pela doença em 2024, principalmente crianças pequenas não vacinadas ou com vacinação insuficiente.

A ciência não é uma questão de torcida

Questionar é legítimo. Procurar informações, conversar com profissionais de saúde e conhecer os possíveis efeitos de uma vacina fazem parte de uma sociedade livre.

O problema começa quando uma opinião passa a ser apresentada como fato científico sem evidências.

Um vídeo nas redes sociais não substitui um estudo. Um áudio encaminhado em um grupo de mensagens não vale mais do que dados epidemiológicos. E milhares de compartilhamentos não transformam uma informação falsa em verdade.

A ciência pode ser questionada, aperfeiçoada e atualizada. É justamente esse processo que permite que o conhecimento avance. O que não se pode fazer é substituir evidências por boatos e, a partir deles, tomar decisões capazes de afetar a saúde individual e coletiva.

O sucesso da vacina criou um paradoxo

Durante décadas, a vacinação foi tão eficiente no controle de diversas doenças que parte da população deixou de conviver com suas consequências.

É compreensível que gerações que nunca conheceram alguém com poliomielite ou que raramente tenham visto casos de

sarampo tenham dificuldade de perceber o risco. Mas essas doenças não desapareceram simplesmente porque deixamos de vê-las.

Elas foram controladas justamente porque a vacinação reduziu sua circulação.

Quando a cobertura vacinal diminui, aumentam as oportunidades para que doenças antes controladas voltem a circular. É uma lógica simples de saúde pública: quanto

maior a proteção da população, menor o espaço para a transmissão.

Vacina não tem ideologia

Este talvez seja o ponto mais importante em um período eleitoral.

Vacina não é de esquerda nem de direita. Não pertence a um governo, a um partido ou a um candidato. É uma ferramenta de saúde pública.

Governos mudam. Eleições terminam. Políticos passam.

Os vírus, não.

Por isso, é possível, e necessário, discutir políticas públicas, cobrar autoridades, fiscalizar governos e questionar campanhas. O que não deveria fazer parte dessa disputa é a transformação da vacinação em arma política.

A proteção da população precisa estar acima da disputa eleitoral.

Antes de compartilhar, verifique

A responsabilidade não é apenas dos governos e dos profissionais de saúde. Ela também passa pelos veículos de comunicação, pelas plataformas digitais e por cada cidadão que utiliza as redes sociais.

Antes de compartilhar uma informação sobre vacina ou qualquer outro tema relacionado à saúde, algumas perguntas são fundamentais: quem publicou? Qual é a fonte? Existe evidência? A informação está atualizada? É uma instituição reconhecida ou apenas alguém fazendo uma afirmação em um vídeo?

Uma pausa de poucos segundos pode impedir que uma mentira alcance centenas ou milhares de pessoas.

A desinformação se espalha rapidamente. E, quando o assunto é saúde, suas consequências podem ultrapassar a tela do celular.

O Brasil construiu, ao longo de décadas, uma das mais importantes experiências de vacinação pública. O Sistema Único de Saúde oferece gratuitamente as vacinas previstas no Programa Nacional de Imunizações.

O desafio, portanto, não é apenas manter as vacinas disponíveis. É preservar a confiança na informação, nos profissionais de saúde e nas evidências científicas.

Em ano eleitoral, teremos muitos assuntos para discutir. Economia, segurança, educação, emprego, impostos e o futuro do país estarão no centro do debate.

Que sejam discutidos.

Mas que a saúde das nossas crianças não seja transformada em palanque.

Vacina não precisa de voto. Precisa de confiança

E quando a desinformação ganha espaço, quem paga a conta não é o algoritmo. É a sociedade.

Referências para publicação: OMS, OPAS e Ministério da Saúde. Os dados epidemiológicos e as recomendações citados acima foram conferidos nas fontes oficiais.



Hospital Municipal amplia estrutura cirúrgica e moderniza central de esterilização

Nova etapa das obras recebeu investimento de R\$ 10 milhões da Kinross e amplia capacidade de atendimento do hospital.



O Hospital Municipal de Paracatu ganhou uma nova estrutura para atendimento cirúrgico com a conclusão da segunda etapa do projeto de modernização realizado pela Kinross, em parceria com a Prefeitura. A entrega ocorreu no dia 29 de julho e contemplou a reforma e ampliação do Centro Cirúrgico e a reestruturação da Central de Material Esterilizado (CME).

A solenidade reuniu autoridades municipais e representantes da empresa, entre eles o prefeito Pedro Aguiar Adjuto; o presidente e gerente-geral da Kinross Brasil, Rodrigo Gomides; o presidente da Câmara Municipal, vereador Manoel Alves; o secretário municipal de Saúde, Umarques Couto; o secretário de Governo, Altanir Júnior; o especialista sênior de Relações Governamentais e Responsabilidade Social da Kinross, Otávio Medeiros; o superintendente de Administração Hospitalar, Adelson Barbosa; a gerente Regional de Saúde, Juliana Raimunda Luiz; e o diretor de Operações da Kinross, João Paulo Caldas.

Nesta fase, foram investidos R\$ 10 milhões, elevando para R\$ 20 milhões o total destinado pela Kinross à modernização do Hospital Municipal desde 2024.

O Centro Cirúrgico passou de três para cinco salas cirúrgicas e ganhou uma sala de recuperação pós-operatória com seis leitos. A área física também foi ampliada, de 541,40 para 700,5 metros quadrados. Com a nova estrutura, a gestão municipal estima aumento de 29,39% na realização de procedimentos cirúrgicos mensais, o que poderá contribuir

para reduzir a espera por cirurgias.

A Central de Material Esterilizado também foi completamente reestruturada. O novo espaço conta com fluxo separado para materiais contaminados e esterilizados, seguindo protocolos de biossegurança e aumentando a segurança de pacientes e profissionais.

O prefeito Pedro Aguiar Adjuto destacou que a nova estrutura fortalece a capacidade de atendimento especializado da rede pública. Para o presidente e gerente-geral da Kinross Brasil, Rodrigo Gomides, a parceria entre empresa e poder público contribui para a melhoria da qualidade de vida da população.

Modernização por etapas

A primeira fase do projeto, realizada entre 2024 e 2025, incluiu a construção de quatro novas enfermarias para casos críticos, a reforma do antigo Pronto-Socorro, melhorias na área de circulação de ambulâncias e a ampliação da UTI, que passou de oito para 16 leitos.

A unidade também recebeu áreas de isolamento e gerador exclusivo. Segundo a administração municipal, as melhorias contribuíram para que o Hospital Municipal conquistasse o Selo Eficiência Epimed, ficando entre as cinco melhores UTIs públicas do Brasil.

Com a conclusão da nova etapa, o Hospital Municipal passa a contar com uma estrutura cirúrgica ampliada e ambientes modernizados, fortalecendo a rede pública de saúde de Paracatu e o atendimento à população da região.



“A memória é mais forte que o esquecimento”: Sandro Neiva lança livro sobre Rosilene Amorim em Paracatu

Obra de Sandro Neiva resgata a trajetória de Rosilene, assassinada em 1996, e transforma memória em reflexão sobre feminicídio, violência contra a mulher, justiça e prevenção.



Há noites que terminam quando as luzes se apagam. E há noites que continuam, silenciosas, dentro de quem esteve presente.

A noite de 7 de agosto, foi uma dessas. Na Fundação Casa de Cultura de Paracatu, memória, emoção e reflexão se encontraram no lançamento de Ecos de Rosilene Amorim – Memória, Feminicídio e Justiça, obra do jornalista, documentarista e escritor paracatuense Sandro Neiva.

A data do lançamento também carregou um simbolismo especial: em 7 de agosto de 2026, o Brasil completou 20 anos da Lei Maria da Penha, marco fundamental no enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher. A Lei nº 11.340 foi sancionada em 7 de agosto de 2006.

Duas décadas depois, entretanto, a data chega acompanhada não apenas de celebração, mas também de inquietação.

Os números revelam a dimensão do desafio. Segundo dados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), nos primeiros quatro meses de 2026, o Judiciário brasileiro concedeu 225.535 medidas protetivas de urgência, além de 412 medidas concedidas pela polícia e posteriormente homologadas pela Justiça. O volume supera o registrado no mesmo período de 2025 e 2024.

Mais do que números, são pedidos de socorro. São histórias interrompidas, mulheres que buscam proteção e famílias que carregam marcas que nem sempre aparecem nas estatísticas.

É nesse território delicado entre a dor e a esperança que nasce o livro de Sandro Neiva.

Uma história que se recusa ao esquecimento

Ecos de Rosilene Amorim – Memória, Feminicídio e Justiça é resultado de uma extensa pesquisa documental e resgata a trajetória de vida de Rosilene Amorim, preservando sua memória e transformando sua história em instrumento de reflexão sobre a violência contra a mulher, o acesso à Justiça e a responsabilidade coletiva diante de uma realidade que ainda insiste em se repetir.

Ao colocar Rosilene novamente no centro da narrativa, o livro não permite que sua história seja reduzida a uma estatística.

Há nomes por trás dos números.
Há mães.
Há famílias.
Há sonhos interrompidos.
Há uma vida inteira que não cabe na palavra “vítima”.

E há a memória, essa espécie de resistência silenciosa contra o esquecimento.

Na noite do lançamento, essa memória ganhou voz, presença e significado.

Uma mesa formada por diferentes vozes

A cerimônia reuniu representantes do poder público, da cultura, da Justiça, da defesa

dos direitos das mulheres e, sobretudo, pessoas diretamente ligadas à história de Rosilene.

Compuseram a mesa Pedro Aguiar Adjuto, prefeito municipal de Paracatu; Vera Lúcia Lemos Campos Botelho, diretora-presidente da Casa de Cultura de Paracatu; Jennifer Blatt, advogada e presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher; Luciene Dadalt, delegada especializada de Atendimento à Mulher de Paracatu; Maria José de Amorim Soares, mãe de Rosilene Amorim; e o autor da obra, Sandro Neiva.

A presença de Maria José acrescentou à noite uma dimensão impossível de ignorar.

Para uma mãe, memória não é apenas lembrança.

É presença.

É saudade.

É a tentativa de manter viva, por meio das palavras, a existência de alguém que partiu de maneira brutal e prematura.

E, naquela noite, a história de Rosilene encontrou novas vozes dispostas a não deixá-la desaparecer.

O autor e a força da pesquisa

Nascido em Paracatu, Sandro Neiva é jornalista formado pela Universidade Católica de Brasília, onde também se especializou em Cinema-Documentário.

Filho de Zaida Neiva, professora e ex-servidora da Superintendência Regional de Ensino de Paracatu, e de Orlando Ulhôa Batista, ex-presidente da Coopervap e ex-vice-prefeito de Paracatu, Sandro construiu sua trajetória profissional entre o jornalismo, a cultura e o audiovisual.

Foi jornalista e editor das revistas Porão do Rock, de Brasília, e Rock Brigade Magazine, de São Paulo. Também atuou como repórter do Jornal de Brasília e como assessor de comunicação do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal.

Atualmente, integra o Movimento Cultural Noroeste Rock Minas e colabora com os jornais O Lábaro, Paracatu Net e Visão Regional.

Como documentarista, dirigiu obras como Ouro de Sangue, Casa Diogo, Cerrado em Pé, Coutinho e o Outro, Meu Parceiro Julião, Dente de Lobo, Bicho do Mato e Redson nos Tempos do Cólera.

Em 2021, lançou de forma independente Paracatu Rock City – Uma História de Rock’n’Roll no Noroeste de Minas, importante registro da história da música produzida em Paracatu.

Agora, com Ecos de Rosilene Amorim – Memória, Feminicídio e Justiça, sua escrita se volta para outra dimensão da memória: aquela que nasce da dor, atravessa documentos, histórias e silêncios e chega ao presente como um chamado à consciência.

A memória resiste, e a cultura resiste

Em seu pronunciamento, Sandro Neiva falou sobre o significado de lançar a obra justamente no dia em que o Brasil completava 20 anos da Lei Maria da Penha. Segundo o autor, a coincidência entre as datas não foi planejada, mas acabou adquirindo um significado especial.

“Lançar um livro que resgata a memória de Rosilene Amorim justamente neste dia reforça o compromisso de transformar lembrança em consciência, e consciência em prevenção.”

Para Sandro, o espaço escolhido para o lançamento também carregava um simbolismo especial. A Casa de Cultura de Paracatu, segundo ele, é mais do que um prédio histórico: é uma guardiã da memória coletiva da cidade.

E foi justamente sobre memória que o autor construiu parte de sua fala.

“A memória é uma ferramenta de compreensão. É por meio dela que entendemos de onde viemos, onde estamos e para onde queremos caminhar.”

Ao recordar Rosilene, Sandro fez questão de ir além da tragédia que interrompeu sua vida em 15 de setembro de 1996. Para ele, a história de Rosilene não poderia ser contada apenas a partir de sua morte.

“Este livro não nasceu para contar apenas a história de sua morte. Ele nasceu para resgatar a história de sua vida.”

E essa vida, como destacou o autor, era marcada por múltiplas facetas. Rosilene era mãe, jornalista, artista, poeta e uma jovem de 25 anos que viveu intensamente, acreditando na força das palavras, na riqueza de sua cultura e na atitude libertária do rock’n’roll.

Amigo de Rosilene desde a adolescência, Sandro contou que, durante a pesquisa documental, encontrou poemas, reportagens, lembranças e fragmentos de uma personalidade que não poderia ser reduzida à condição de vítima.

Foi nesse processo que compreendeu que preservar sua memória também era uma forma de fazer justiça.

“Porque a violência não tenta apenas tirar vidas. Ela tenta apagar histórias. Tenta transformar trajetórias inteiras em uma nota de rodapé. Mas a memória resiste. E a cultura resiste.”

A reflexão do autor também percorreu as transformações ocorridas no Brasil nas últimas três décadas. Quando Rosilene foi assassinada, ainda não existia a Lei Maria da Penha, nem as medidas protetivas de urgência ou a rede especializada de atendimento às mulheres que hoje integra as políticas públicas de enfrentamento à violência.

Sandro reconheceu os avanços conquistados, mas ressaltou que a existência de leis e instituições, embora fundamental, não é suficiente para eliminar a violência contra a mulher.

Para ele, o enfrentamento precisa começar antes, nas relações cotidianas, na educação e na mudança de comportamentos.

“A violência começa quando uma mulher é humilhada. Quando sua autonomia é desrespeitada. Quando suas escolhas são controladas. Quando sua voz é silenciada.”

E completou com uma reflexão que atravessa toda a obra:

“O feminicídio é o último estágio de uma longa cadeia de violações.”

Na avaliação do autor, combater a violência contra a mulher é também uma tarefa cultural e educativa, que envolve toda a sociedade.

“Que tipo de sociedade queremos construir?”, questionou Sandro, defendendo uma sociedade em que a liberdade das mulheres seja respeitada, em que o amor não seja confundido com posse e em que nenhuma mulher precise ter medo de exercer sua autonomia.

Os ecos que permanecem

Ao explicar a escolha do título da obra, Sandro encontrou na própria palavra “ecos” a síntese daquilo que pretendeu construir com o livro.

“Os ecos permanecem mesmo quando a voz parece distante. Os ecos atravessam o tempo. Os ecos nos alcançam décadas depois.”

Trinta anos depois da morte de Rosilene, seus poemas continuam existindo, sua história continua sendo contada e sua memória continua provocando reflexão.

Para o autor, essa permanência é também uma forma de resistência.

“Acredito profundamente que transformar memória em prevenção é uma das

formas mais importantes de fazer justiça.”

Sandro encerrou seu pronunciamento com palavras que deram à noite um dos momentos de maior emoção.

“Há trinta anos, a violência tentou silenciar uma mulher. Tentou apagar uma artista. Tentou apagar uma jornalista. Tentou apagar uma poeta. Mas não conseguiu.”

E concluiu:

“Porque a memória é mais forte que o esquecimento. Porque a cultura é mais forte que o silêncio. Porque a poesia é mais forte que a violência.”

Naquela noite, portanto, o livro deixou de ser apenas uma obra recém-lançada.

Passou a ser também um gesto de memória.

Uma homenagem.

Um registro.

E, sobretudo, um convite para que a história de Rosilene Amorim não permaneça apenas no passado, mas continue produzindo perguntas no presente e ajudando a construir um futuro em que outras mulheres possam viver plenamente suas histórias, seus sonhos e suas escolhas.

Os ecos de Rosilene, como disse Sandro, continuam reverberando.

Na poesia.

Na cultura.

Na memória de Paracatu.

E na esperança de que lembrar também possa ser uma forma de transformar.

Música, autógrafos e confraternização

A programação seguiu com um momento especialmente preparado para a ocasião. O músico paracatuense José Adão Franco apresentou um pocket show com quatro canções que dialogaram com os temas que atravessaram a noite: memória, esperança e valorização da vida.

A música trouxe uma nova linguagem para as emoções que já haviam tomado conta do espaço. Entre acordes, lembranças e silêncios, a arte voltou a ocupar seu lugar como instrumento de expressão e resistência.

Na sequência, Sandro Neiva recebeu o público para uma sessão de autógrafos, compartilhando com leitores, familiares e amigos o resultado de uma pesquisa que nasceu de uma história pessoal, mas que encontrou no livro uma dimensão coletiva.

A noite terminou com um coquetel de confraternização, reunindo autoridades, representantes das instituições, familiares, amigos e pessoas que foram à Casa de Cultura para prestigiar o lançamento.

E talvez seja justamente essa a força de uma história como a de Rosilene Amorim: quando a memória encontra a palavra, ela deixa de pertencer apenas ao passado.

Ela passa a interpelar o presente.

A noite terminou.

Mas os ecos permaneceram.





QUEDA DE

95%

NOS CASOS DE DENGUE

+DE 190 MIL
VISITAS DOMICILIARES POR ANO.